



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

DIÁLOGOS NO MANGUE: A VIVÊNCIA COM CATADORES DE CARANGUEJO PARA UMA PROPOSTA ARTÍSTICA-EDUCATIVA NA DANÇA

BIANCA BAZZO RODRIGUES

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Resumo: O artigo apresenta uma proposta artística-educativa advinda da pesquisa de campo no ecossistema do mangue e na prática econômica dos catadores de caranguejo do estado de Sergipe. A vivência e intervenção no contexto pesquisado tornam-se possibilidade poética para a criação em dança e provocativa para as discussões socioculturais da região. Para uma estratégia educativa, a pesquisa pauta-se no modelo epistemológico do tipo rizoma proposto por Guattari e Rolnik (1986) que possibilita uma rede de relação entre os diferentes espaços investigados, sem centralização ou subordinação do conhecimento. A pesquisa possibilitou reafirmar os valores culturais, humanos e de saberes existentes nesse território como propõe Almeida (2010). Nesse trabalho, reatualizado para as ações artísticas. **Palavras-chave:** Mangue. Criação em Dança. Arte-educação. **Abstract:** The article presents an artistic-educational proposal arising from field research on the mangrove ecosystem and the economic practice of the crab pickers state of Sergipe. The experience and intervention in the context researched become poetic possibility to the dance creation and provocative to the socio-cultural discussions in the region. For an educational strategy, the research based on the epistemological model of the rhizome type proposed by Guattari and Rolnik (1986) which provides an interface between different areas investigated without centralization or subordination of knowledge. The reserach enabled reaffirm cultural values, human and knowledge existing in this territory as proposed by Almeida (2010). In this work by the artistic actions. **Keywords:** Mangrove. Dance Creation. Art-education.

1 INTRODUÇÃO Quando escutamos falar do ecossistema do mangue, ou simplesmente a própria palavra manque, para muitos loqo vêm na cabeça palavras de cheiro não tão agradável, de um

lugar a princípio morto e de lama, onde são poucas as pessoas que se aventuram a adentrar nesse local. Mas na verdade esse espaço que se caracteriza pela disputa e mistura do ambiente terrestre e marinho, esconde e revela uma mola propulsora de vidas e micro vidas que a olho nu não vemos ou não queremos ver. Vidas humanas que lutam diariamente nesse contexto biocultural para dele tirar o sustento de casa. Vidas de caranguejos, siris, guaiamuns que performam um *modus operandi* de se esconder e investir que não diferem muito do *modus vivendi* nosso hoje atual. A paisagem de Aracaju e cidades circunvizinhas são desenhadas pelos manguezais, tornando-se parte do dia a dia do cidadão sergipano. Dessa forma, num contexto tão presente na vida dessas pessoas, lançamos a discussão de como esse território poderia revelar ignições poéticas para a criação em dança a partir da vivência *in loco* nesse ambiente. Mais do que isso, como dessa experiência vivida corporalmente, trocando conversas e saberes com os catadores de caranguejo, escutando e nos colocando, em muitos momentos no lugar deles, poderíamos apresentar uma proposta artística-educativa que revelasse esses contextos e vidas com a devida atenção. Buscando conscientizar à comunidade local sobre a importância da preservação desse ambiente, sobre os riscos e situação dessa profissão, sobre as vidas e histórias que delineiam esse ambiente. Assumindo, dessa forma, nosso papel como agentes culturais e como dessa proposição, trocas e experimentações podem revelar um trabalho cênico engajado nas questões socioambientais e educativas. Como de uma proposta inicialmente artística, transcendesse para as ações de ensino, de reflexão e discussão dentro do ambiente acadêmico. Com apoio dos referenciais que deram base a essa investigação e, principalmente da leitura da literatura brasileira "Homens e Caranguejos" de Josué de Castro - que adentra especificamente no contexto do mangue -, o trabalho buscou um corpo aberto ao diferente, às investidas mais enraizadas nas relações culturais, ambientais e sociais da nossa região. Um corpo que adentrou nesse contexto e dele revelou poeticamente os processos de trocas do outro, de si, das vivências, das misturas, principalmente das conversas e das possibilidades que podem surgir a partir dessas investidas. Pautando-nos nas discussões de Almeida (2010), problematizamos os diferentes espaços que a proposta adentrou, culminando na importância desse diálogo entre os diferentes espaços e saberes. Os espaços sociais da nossa região e o espaço acadêmico, e entre os saberes populares e científicos. Para que, dessa proposição, pudéssemos apresentar relações mais reais e igualitárias na construção do conhecimento em rede. Para isso, o modelo epistemológico do tipo rizoma proposto por Guattari e Rolnik (1986), costurou e deu consistência à pesquisa. Ao entendermos como um modelo que procura formar uma rede de relações nos diferentes caminhos pesquisados e estabelecer conexões e trocas entre os saberes abarcados, sem centralização e/ou subordinação. Principalmente quando o objetivo dessa proposta é a contribuição e diálogo entre os diferentes saberes num processo de equidade na construção do conhecimento. **2 MÉTODO** A proposta artista-educativa vem sendo desenvolvida no curso de licenciatura em dança da Universidade

Federal de Sergipe, como uma ação para os discentes que abarca o eixo de ensino, pesquisa e extensão. A proposta em questão possui algumas etapas de ação que se inicia pela pesquisa de campo junto ao contexto cultural escolhido. Nesse artigo, reportaremos os resultados das vivências no ambiente mangue e na prática dos catadores de caranguejo. Delimitamos a região de Barra dos Coqueiros, Marcos Freire e Ilha do Pomonga como espaços que se apresentaram mais acessíveis e que encontramos com pessoas que vivem da prática de catar caranguejo como modo de subsistência econômica, e que foram receptivos em nos apresentar esse ambiente e nos contar sobre suas práticas e compartilhar suas histórias. Sobre as vivências no ambiente escolhido, nos pautamos nas proposições de Laplantine (1988), ao propor uma modificação da atuação do pesquisador junto ao seu campo de pesquisa. O autor apresenta formas de se olhar, o que olhar, direcionando nossa atenção para determinados momentos, como de relações de envolvimento e postura que contribuem para um diálogo mais enriquecedor no ato investigativo. Tais modificações na postura criaram um eixo norteador para o trabalho que se aproximou das peculiaridades que a proposta artista-educativa tendia a revelar como diferencial para as trocas entre os diferentes saberes, e posteriormente para as ignições poéticas na criação artística. Para o autor, o estudo das relações humanas só ocorre verdadeiramente quando de fato se comunica com o outro e dela se compartilha a existência. Essa troca revela, não só a cultura do outro, como nos faz reolhar a nossa própria cultura, e perceber que também somos uma construção de um contexto sócio-cultural-educativo, não o certo ou o errado, mas diferente, cada qual no seu ambiente vivido. E, reconhecê-los se torna uma etapa significativa dessa pesquisa. Pois, “de fato, presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa” (LAPLANTINE, 1988, p. 21). Seguindo as colocações do autor, a proposta deu atenção à experiência pessoal do pesquisador ao campo investigado. Nessa parte, François Laplantine chama a atenção para não assumirmos o papel de coletor de dados. Muito pelo contrário, a postura do pesquisador deve ser aquela que vivência de fato as práticas, as dificuldades e as ideias do seu campo de pesquisa. Uma prática que propõe viver a cultura que se estuda. Dentro dessa ação aconteceram quatro idas ao mangue, em que ocorreu tanto a vivência do ambiente - experienciando corporalmente práticas de movimento possíveis no contexto -; conversas com os catadores e também pescadores da região; observação do cotidiano dos agentes desse espaço; e uma das idas, especificamente na Ilha de Pomonga, foi possível a experimentação mais prática do catar e amarrar caranguejo na corda – etapas desse fazer. Essa vivência no contexto pesquisado em que nos colocamos no lugar do outro, realizando as tarefas e práticas desse local, vão construindo uma amálgama de situações, tanto de movimento como de discussão, que vão ser trazidos à tona nos laboratórios criativos. A imersão no contexto investigado, vivendo ele próprio a cultura que pesquisa, vai revelando e dando propriedade para esse corpo que, mais para frente, vai recriar artisticamente seu material cênico. As preciosidades vividas em campo levam a

perceber toda uma simbologia que se transforma em poética para a cena. Os “materiais residuais” que Laplantine chama a atenção para a observação como: as condutas, os gestos, as expressões corporais, hábitos alimentares, percepção dos ruídos do espaço são potencializados nas ações práticas na dança, além de lançar questões culturais, sociais e educativas desse ambiente pesquisado para a sociedade e para nosso modo de viver contemporâneo. Concomitante com as pesquisas de campo, iniciamos a leitura do livro “Homens e Caranguejo” de Josué de Castro como ignições para os trabalhos corporais. Foram escolhidos alguns trechos da literatura que revelavam principalmente as situações de vida das pessoas que vivem e convivem dentro dessas regiões dos manguezais. Após uma leitura inicial foi solicitado para que cada intérprete escolhesse os trechos mais relevantes e/ou aqueles que tocavam de alguma forma, como exemplo, memórias de quando crianças, histórias contadas pelos familiares e/ou mesmo de vizinhos que conheciam e eram catadores de caranguejo. Nessa etapa da proposta, pautamos na metodologia de Machado (2007), que se inicia com a pesquisa de campo junto ao contexto cultural escolhido e da vivência com a fonte de pesquisa, parte-se para os laboratórios de criação, nos quais ocorre a ativação das imagens, sensações, histórias ouvidas e gestos vistos durante a convivência. Nesse momento, além das vivências em campo é buscado despertar igualmente no intérprete suas descobertas e histórias individuais, no jogo das relações que ocorrem interiormente no intérprete-criador ao juntar as vivências sentidas e vistas em campo com aquelas que já havia dentro dele. Seguindo as proposições, os trechos do livro, as histórias particulares, as conversas provenientes das pesquisas de campo e a própria experiência do intérprete-criador no contexto eram revisitadas a partir de dinâmicas, relações de movimento e jogos corporais durante os laboratórios criativos. A metodologia de Machado (2007), intitulada “o jogo da construção poética” propõe a prática corporal a partir do improviso, das criações e descobertas de movimentos que surgem em processos de diálogos corporais na relação entre os intérpretes e o campo de pesquisa. Juntamente com a ativação da memória do campo pesquisado ou particular de cada um, através de estímulos durante as dinâmicas. Esses estímulos costumam ser as próprias orientações do professor-mediador, que nesse momento, atua como que dirigindo as ações propostas e, conforme as relações entre os alunos começam a se estabelecer, ele vai guiando e modificando as dinâmicas com o que vai se apresentando. Como se ele fosse orquestrando os movimentos. A partir de um ponto inicial, cada intérprete tem a permissividade de explorar livremente o que vai surgindo de movimento, seja das memórias advindas de campo, seja de outras memórias, como exemplo, o ir para o mangue ativou a memória de infância de uma aluna, em que ela costumava passar os finais de semanas em Barra dos Coqueiros. O mangue era seu espaço para as brincadeiras infantis, o tentar caçar o caranguejo era a própria brincadeira. Nesse trabalho em específico, a literatura e seleção de trechos do livro “Homens e Caranguejos” contribui para ativar as sensações vividas na pesquisa *in loco*. Os trechos selecionados pelos alunos ora eram lidos pelo professor, ora eles

próprios começaram a colocar entre meio as diferentes dinâmicas. No decorrer das aulas foi sendo ativados naturalmente pela necessidade particular de cada um de sentir novamente essas memórias e/ou trazer as sensações que essas histórias despertavam. Além dessas ignições, a própria vivência e experimentação corporal no ambiente mangue se mostraram como que um espaço que possibilitou fundamentar o corpo para o que foi vivido. Os gestos, a adaptação do corpo nesse ambiente, a movimentação dos crustáceos presentes no mangue, as sensações provocadas pelo cheiro forte, se transformaram em ações que foram sendo ativadas e revisitadas durante os laboratórios e as dinâmicas propostas. O jogo da construção poética nos permite mobilizar as percepções do campo, dos gestos, das falas, do ambiente vivenciado - todo esse manancial de movimentação se transforma num universo simbólico para a exploração cênica. A partir dessas dinâmicas e relações que vão surgindo nas aulas, é possível experimentar a liberdade de exploração corporal que extrapola as formas e técnicas codificadas, comumente conhecidas na dança. E se tratando da dança no ambiente acadêmico - espaço para uma investigação e pesquisa do movimento - esse processo se torna precioso, principalmente quando a linha do rizoma entre os diferentes campos se mantém firme e permissiva de trocas. Dentro da proposta artista-educativa no processo investigativo de criação cênica, há um espaço onde podemos deixar emergir movimentos mais orgânicos e sensíveis as vivências. Quando lapidados durante a composição, esse manancial de repertório transforma-se em movimento poético. Como aporte discursivo-provocativo, os estudos de Almeida (2010) guiaram as questões e dinâmicas levantadas durante a pesquisa. A autora propõe olharmos para a periférica e percebermos os padrões que nosso sistema político-educacional vem nos formando. O olhar para o lado significa perceber os outros estratos e situações que fazem parte do nosso cotidiano e, que muitas vezes são "apagados" pelo sistema. Na nossa investida, ao realizamos alguns laboratórios criativos em ambiente aberto, no caso o calçadão do Bairro 13 de julho da cidade de Aracaju, espaço onde as pessoas vão para realizar atividades físicas (a maior parte de um alto poder aquisitivo), essa metáfora foi percebida nas nossas próprias atuações. O mangue delinea esse calçadão, porém hoje, quase ninguém o percebe de fato. Uma das ações foi perguntar para as pessoas se conheciam catadores de caranguejo daquela região, como viam o mangue para nosso ecossistema. Muitas falas eram de que nunca tinham percebido aquele local como vivo ou que se pudesse realizar alguma atividade econômica dele. Um cidadão mais velho na cidade relembra que antigamente via alguns barquinhos ali, hoje eles estão mais nas regiões afastadas. Olhamos para a periférica e encontramos tantas situações provocativas de sentido para a cena, para as discussões sobre as intervenções humanas na natureza, o descaso, o esquecimento e o apagamento desses locais. Almeida (2010) evidencia esses espaços e que a exclusão dos conhecimentos dessas culturas "fora da rede" compromete uma democracia cognitiva e subjuga a diversidade de saberes que emergem nas margens do conhecimento científico. Nesse sentido, a autora propõe a

necessidade de relações mais interligadas entre os diferentes espaços frequentemente distanciados. No qual a ciência tem o papel de evidenciar outros conhecimentos, pois o conhecimento científico é um tipo particular, não o único e verdadeiro. Há outros saberes como os da tradição, os saberes populares, mais antigos que a própria ciência. A autora propõe um caminhar transversal nas questões dos diferentes espaços cognitivos. Os conhecimentos dispersos devem ser reagrupados para podermos de fato viver nas relações de alteridade e diálogo entre os múltiplos territórios sociais. Nesse sentido, devemos investir numa suspensão de nossos pontos de vista, no intuito de desbloquear nossas estruturas de pensar tão arraigadas da nossa educação formal. Tal dizer vai de encontro com as ideias de Laplantine, no que diz respeito a percebermos o quanto somos formados por um sistema e cultura, e que muitas vezes essa formação marginaliza outros espaços, conhecimentos, pessoas e vidas. E ignorá-los significa continuarmos reproduzindo formas operantes unilaterais, quase sempre opressoras e exclusivas a uma parcela da população. A proposta artista-educativa buscou revelar todas essas discussões que permearam tanto o fazer artístico e a criação cênica como outros papéis que o discente da dança, futuro professor, vai assumir como mediador do conhecimento. E mais, como cidadão pertencente, atuante e ciente das situações da sociedade. Assim, além dessas etapas acima citadas, alguns momentos eram reservados para se discutir toda essa vivência, pautadas nas provocações de Almeida (2010) e de outras situações que a pesquisa foi revelando. E como poderíamos ramificar esse conhecimento que começava a ser compartilhado para outras camadas. Para demonstrar um dos problemas de ordem econômica desse contexto vivido, cada caranguejo que o catador pega custa entre 0,30 a 0,50 centavos que ele vende no mercado para as pessoas que eles chamam de "atravessadores". Esses revendem os caranguejos para o consumidor já na faixa 1,50 a 2,00 reais, ou seja, em torno de 16,00 reais cada corda com oito caranguejos. Nos restaurantes, o preço individual de cada caranguejo chega a ser 7,00 reais. Nossa educação vem formando e estruturando pensamentos que, na maior parte do tempo, não leva em consideração as reais situações vividas pela sociedade, e em relação a essas práticas culturais e econômicas para muitas famílias, elas chegam a ser totalmente apagadas. Vivemos uma "monocultura da mente" (SHIVA, 2003 apud ALMEIDA, 2010), pois somos educados por um modelo que tem como parâmetro uniformizador o conhecimento ocidental. Um conhecimento que tende a minar os demais, não abrindo espaço para percebermos as diversidades socioculturais de cada região. Perdeu-se aquela forma de se educar no qual as linguagens simbólicas da compreensão do mundo eram ensinadas e repassadas para a comunidade, de se escutar os saberes das pessoas comuns. Essas, na maior parte do tempo, são deixadas de lado e atropeladas pelo nosso "conhecimento oficial". Na medida em que toda essa complexidade de ações, pensamentos e prática foram se apresentando, o modelo epistemológico do tipo rizoma de Guattari e Rolnik (1988), deu propriedade a proposta de discussão e do ensino ser compartilhado de uma forma horizontal, dando a atenção a todos os passos, caminhos e

possibilidades que íamos experimentando. Cada aluno-intérprete teve a oportunidade de colocar o que ia nascendo aos poucos no processo criativo. Dilatamos o tempo e resolvemos sentar na beira do rio para ouvir as histórias dos catadores de caranguejos e pescadores. Entramos no mangue e deixamos que essas micro-vidas começassem a se integrar em nossos movimentos cênicos. Nos deixamos transmutar e revelar com nossa arte essa prática tão antiga a nosso estado e que corre o risco de se perder, seja pela degradação cada vez maior desse ecossistema, seja pelo descaso com essa prática que a sociedade e os agentes governamentais o conferem. **3 RESULTADOS** No modelo epistemológico proposto por Guattari e Rolnik (1986), a prática analítica do tipo rizoma procura analisar as linguagens e estudos efetuando uma descentralização dos conceitos estruturados, operantes e muitas vezes, dominantes da nossa cultura. Modificando as possibilidades de se analisar e relacionar para outras dimensões, registros e saberes. O termo rizoma é adotado da botânica a partir da anatomia vegetal de algumas plantas que se ramificam em qualquer ponto, transformando e gerando novos bulbos, tubérculos, ramos sem que haja uma única raiz mais fundamental do que outras. Na botânica, o rizoma é a extensão do caule que une sucessivos brotos que crescem e se propagam horizontalmente. No momento que a planta se ramifica, o rizoma nutre a nova planta até que ela esteja forte para sobreviver sozinha, um processo de trocas e compartilhamento dos nutrientes. Outra peculiaridade das plantas do tipo rizoma é a proliferação e ocupação de um território mais amplo e heterogêneo a partir dessa ramificação. Eles vão criando redes que conferem uma maior resistência às plantas. Ao possuir diferentes caules, elas se nutrem e compartilham substâncias, caso alguma parte esteja precisando. A partir do olhar para a própria natureza, os autores propõe uma análise metafórica da estrutura do rizoma para outras áreas do conhecimento. Produzindo reflexões que podem nortear e desbloquear alguns pensamentos que operam demasiadamente nossas construções cognitivas, humanas e científicas. Nessa análise rizomática, qualquer elemento pode afetar e ser afetado igualmente por qualquer outro, não há uma base, uma raiz, um modelo único descritivo e formativo que incide mais que os outros. Há um centro no modelo rizomático, mas tanto esse centro como os outros ramos, podem estabelecer conexões sem a afirmação de que o centro detém maior incidência, não havendo, dessa forma, elementos subordinados. Propomos estabelecer essas conexões do tipo rizoma na proposta artística-educativa de vivência no mangue. Territórios de identidade e cultura que agregam as vidas de muitos catadores que dali tiram o sustento de suas vidas e que possuem um *modus operandi* que mantém as relações de olhar para a natureza. Esses espaços projetam as possibilidades artísticas dentro do espaço acadêmico para novos territórios, num processo que procurou “estabelecer conexões transversais entre os estratos e os níveis, sem centrá-los, mas atravessando-os, conectando-os” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 322). Em campo encontramos com pescadores e catadores de caranguejo que revelaram a forma simples de se viver. Muitos não têm estudo, chegando a ser a maioria os que vivem dessa

profissão. É possível perceber o cuidado com a natureza que essas pessoas tentam manter e transmitir para a comunidade. Na Ilha de Pomonga uma das principais tarefas é manter o ambiente limpo e são somente os moradores e pescadores daquela região que tentam conservá-la da melhor forma. Há a consciência do quanto o ser humano já modificou a paisagem. A prática do catar caranguejo no mangue revela as dificuldades que o próprio ambiente impõe e que é necessário respeitá-lo. Com as mudanças climáticas e a própria ação humana de urbanizar as cidades (no caso de Aracaju muitos mangues foram aterrados) a população de vida animal nesse ambiente diminuiu drasticamente. Outra situação que os catadores enfrentam é em relação ao seguro na época de defeso, que é a época de reprodução dos animais, sendo proibida a pesca e a retirada dos crustáceos. Os profissionais nesse período tem o direito legal (quando cadastrados) de receber um salário mínimo, porém há um vício do atraso desse pagamento por parte da prefeitura. Desse vício, há algumas pessoas que se submetem a vender o seu seguro para outra pessoa que empresta dinheiro, mas com juros altíssimos. Além de tudo o trabalho é perigoso, vários catadores e pescadores relatam passarem as madrugadas pescando ou catando para conseguir uma boa quantia, pois os animais estão cada vez mais difíceis. A maior parte dessas pessoas, como já foi escrito, tem uma preocupação com a conservação do ambiente, mas os próprios relatam práticas de se pescar, como a rede de arrasto, que prejudica a vida dos animais no rio, e que mesmo assim muitos pescadores ainda fazem esse tipo de pesca. A rede de arrasto acaba pegando todos os tipos de vida animal, após a pesca eles fazem uma seleção e jogam os peixes pequenos no mar, mas a grande maioria já está sem vida. Além desses fatores econômicos e de dificuldades da profissão, o conviver com os catadores de caranguejo, ouvir suas histórias, vivenciar a prática de catar caranguejo no mangue, perceber o movimento da maré, o conhecimento que eles possuem em relação à mudança da lua; afirma a importância dos saberes populares e como esse ecossistema é tão importante para uma parcela significativa de famílias na nossa região. O vivenciar esse ambiente sociocultural, compartilhando a vida dessas pessoas, quebra qualquer barreira entre os conhecimentos frequentemente separados. Dentro da proposta artística-educativa pensamos numa cosmologia do pensamento que tem como intento o entrelaçamento dos diferentes cenários cognitivos, numa aproximação sem compactar as partes e as estruturas. Para Almeida (2010) o saber da tradição nos possibilita vislumbrar uma integridade nas relações e um viver simbiótico com os diferentes comunicadores existentes na natureza. Os intelectuais da tradição são vistos como um *bricoleur* que organizam seus pensamentos e fazeres levando em conta tudo o que está a sua volta. Eles utilizam os diversos materiais ao seu alcance, encontrados principalmente na natureza, numa relação direta e dependente com o contexto no qual estão inseridos. Para a autora:

Os intelectuais da tradição parecem resolver mais harmonicamente os paradoxos e antagonismos que supomos emergir do mundo natural. A

presença de elementos míticos ou religiosos nos enunciados interpretativos dos processos ecológicos exhibe uma bricolagem instauradora, inaugural. É por isso que a maioria das previsões do tempo associa aspectos mágicos e distintas dimensões do ecossistema. Essa combinação de elementos expõe a dimensão de uma relação de troca e complementariedade que ultrapassa a concepção de uma natureza dual e de oposição frente ao real vivido (ALMEIDA, 2010, p. 123). E desse entrelaçar com as frentes de ação da proposta, pautando no olhar do tipo rizoma, a proposição artística e educativa se alimenta das reais situações do contexto a nossa volta. Dentro das etapas compositivas, elas vão se revelando em material poético para a cena, que evidencia essas vidas e abre a possibilidade para o aluno-intérprete apresentar as suas próprias provocações. A proposta dessa investigação vem possibilitar um encontro mais próximo com as situações de vidas, tanto do pesquisador quanto das outras relações que estão ao seu entorno. É possível olhar para suas raízes, reconhecer a cultura de sua região e possibilitar um estudo poético e crítico de um contexto sociocultural, no caso os catadores de caranguejos e o ecossistema do mangue, que cercam todo o nosso município. “[...] Falamos de um corpo que se encontra à margem da sociedade brasileira [...] perfurando a muralha da cultura oficial, encontramos uma escola de raros aprendizados [...]” (RODRIGUES, 1997, p.27). Pela análise metafórica do tipo rizoma é possível correlacionar o conhecimento científico e o popular, resgatar memórias perdidas de um passado que possibilita ignições de movimento diferenciado para a cena. Movimentos que surgem de processos internos de pesquisa corporal, advinda das vivências de campo transformadas a partir dessas relações que nascem no corpo de cada artista. Todas essas etapas são atreladas ao pensamento da criação artística com um processo de construção do conhecimento crítico, emancipatório e participativo ao se promover essas ações extensionistas. Permitir vivenciar esse contexto adquiriu uma reciclagem enquanto pensamento sobre a dança ao se propor investigar o movimento interior entrelaçado com as sensações experienciadas em campo. Revelando juntamente com as ações artísticas e de ensino as questões sócio, político e cultural do estado, e que nos alerta sobre um ecossistema que está morrendo com a ação humana, com o modo de vida que a sociedade capitalista e contemporânea vem adquirindo. Mais do que simplesmente uma profissão, o catar caranguejo no mangue

torna-se uma prática cultural da região. E como a consciência e reconhecimento desse fazer é importante para a sociedade como um todo. Para o trabalho, ela revelou uma forma criativa, construtiva, permissiva e principalmente educativa de se pensar e fazer dança no espaço acadêmico, num diálogo complementar e que revela as singularidades de cada contexto. Sendo possível, assim como o rizoma, proliferar o conhecimento em rede e autorregenerar as possibilidades da arte e do ensino. Como material cênico, foi desenvolvida uma criação artística fruto dessa pesquisa, apresentada na beira do rio Sergipe, em Barra dos Coqueiros no mês de abril de 2016. O trabalho intitulado “Caçuás”, dessa forma, contribui para a fruição estética e poética à sociedade. Revelando uma pesquisa que se inicia das vivências com esse ambiente e extrapola as ações artísticas, para um trabalho em arte engajado politicamente nas questões sociais e culturais da região. E como, nosso papel como educadores pode ir além das salas de aula, podendo tocar e se aproximar da sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica** - cartografias do desejo. São Paulo: Editora Vozes, 1986. LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988. MACHADO, Lara Rodrigues. **O Jogo da Construção Poética: processo criativo em dança**. 2007. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete: processo de criação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

* Mestra em Artes Cênicas pela UFRN, Bacharel e Licenciada em Dança pela UNICAMP. Faz parte do grupo de pesquisa ARDICO - Arte, Diversidade e Contemporaneidade do CNPq. É Professora Assistente do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Recebido em: 01/07/2016

Aprovado em: 04/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: